

Capítulo 3 - Um chamado que nunca termina

A **parábola do Bom Samaritano**, narrada na **Bíblia Sagrada**, não pertence ao passado. Ela acontece hoje, nas calçadas das cidades, nas noites frias, nos corpos estendidos ao relento, quase invisíveis aos nossos olhos apressados.

<https://www.youtube.com/embed/uTOVia6ul40?si=rqElqu2QAQUA8TvA>

Quando encontramos alguém dormindo na rua, podemos enxergar muitas coisas —
um imprevisto que nos atrasa,
um problema social que deveria ser resolvido pelo estado
um incômodo que perturba a ordem,
ou até um monte de lixo que suja o espaço público.

Mas também podemos escolher outro olhar.

O olhar da fé.

O olhar da caridade.

E então reconhecer ali **um ser humano com a mesma dignidade que a nossa**,
uma criatura infinitamente amada pelo Pai,
uma imagem viva de Deus.



☐☐ Uma pergunta urgente

Essa escolha de olhar revela uma lacuna profunda em nossas comunidades. Estamos tão concentrados em nossas próprias necessidades, dores e agendas, que o sofrimento do outro passa a nos incomodar. Não porque seja distante, mas porque **exige de nós tempo, atenção e conversão**. Ver alguém que está mal nos desconforta, pois nos obriga a sair do centro.

Uma fé que não nos leva ao encontro do outro acaba se fechando em si mesma.

Essa indiferença não é neutra.

Ela é sintoma de uma sociedade enferma, que tenta construir o futuro **de costas para o sofrimento humano**.

☐☐ A ajuda ao pobre também nos evangeliza

Ajudar os pobres não nos coloca acima deles.

Pelo contrário — **nos devolve à verdade sobre nós mesmos.**

Os pobres não são apenas destinatários da caridade.

Eles também nos evangelizam.

No silêncio de sua condição, eles nos confrontam com nossa fragilidade.

O idoso, por exemplo, com o corpo marcado pelo tempo, recorda-nos aquilo que tentamos esconder: **somos**

vulneráveis. Nenhum bem-estar, nenhuma aparência, nenhuma segurança construída nos livra dessa verdade.

Eles desmontam o orgulho agressivo com que, muitas vezes, enfrentamos a vida.

Diante deles, percebemos o quanto é frágil a ilusão de uma existência totalmente protegida.

Os pobres não estão diante de nós apenas como destinatários de ajuda material. Eles **revelam** algo essencial que muitas vezes tentamos esconder: a verdade sobre a condição humana. Em sua fragilidade, eles desnudam ilusões de autossuficiência, sucesso e controle que sustentam uma vida aparentemente segura, mas interiormente vazia.

Eles revelam, antes de tudo, **nossa comum humanidade**. Diante do pobre, cai a máscara da superioridade. Percebemos que a distância entre “quem ajuda” e “quem precisa” é frágil e passageira. Hoje é o outro; amanhã, podemos ser nós. Essa revelação nos devolve à humildade — virtude sem a qual não há fé madura.

Revelam também **onde Deus escolheu se deixar encontrar**. Em **Jesus Cristo**, Deus se aproximou dos pequenos, dos doentes, dos excluídos. O pobre torna-se, assim, um **lugar teológico**: não apenas alguém a quem fazemos o bem, mas alguém por meio de quem Deus nos fala. No silêncio da sua condição, ele questiona nossas prioridades, nossa pressa, nossa fé.

Os pobres revelam a **inconsistência do orgulho agressivo** com que, muitas vezes, enfrentamos a vida. O idoso, com o corpo fragilizado, lembra-nos da vulnerabilidade que tentamos esconder por trás do bem-estar e das aparências. A pessoa em situação de rua revela a precariedade das seguranças que construímos. Eles nos colocam frente ao espelho e perguntam, sem palavras: *em que você colocou sua confiança?*

Revelam, ainda, que a caridade não é um gesto unilateral. Quando nos aproximamos com respeito e escuta, percebemos que também recebemos: recebemos verdade, sobriedade, humanidade. Os pobres **nos evangelizam**. Eles nos chamam a sair de uma fé confortável para uma fé

encarnada, capaz de compaixão concreta.

Por isso, ajudar os pobres não nos engrandece; **nos converte**. Não nos coloca acima; nos coloca ao lado. E nesse “ao lado”, a fé deixa de ser discurso e se torna caminho. Eles não estão ali apenas para receber — estão ali para **revelar** o que somos, o que esquecemos e onde Deus nos espera.

☐ Os pobres revelam nossa precariedade interior

Em suma, os pobres revelam:
nossa precariedade, o vazio de uma vida aparentemente segura, a fragilidade de uma felicidade construída apenas sobre bens e conquistas. Eles nos lembram que viver não é apenas acumular, mas **permanecer humanos**.

† A advertência do Evangelho

O Evangelho nos oferece um alerta sério e misericordioso: o rico não foi condenado por ter roubado os bens alheios, mas por **ter se descuidado de si mesmo**, mesmo tendo recebido tanto.

Sua condenação não nasce da riqueza em si, mas do fato de que, na felicidade, perdeu o temor, tornou-se arrogante com os dons recebidos

e **não teve compaixão.**

A indiferença o afastou de Deus antes mesmo de qualquer julgamento.

Livros Relacionados com essa ideia: [O Reinado de Salomão: Glória, Riqueza e Queda](#)

☐☐ Um chamado que permanece

Este capítulo final nos recorda que o chamado ao amor não termina nunca. Ele se renova a cada encontro, a cada rosto ferido, a cada escolha cotidiana. O pobre que encontramos no caminho não é um obstáculo.

É uma pergunta viva.

Uma oportunidade de salvação.

Um convite a amar como Cristo amou.

Revision #1

Created 2026-01-03 04:25:57 UTC by Ebookbyte.com

Updated 2026-01-03 05:10:59 UTC by Ebookbyte.com